

Glucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 3

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	Diálogos sobre inclusão 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-364-4 DOI 10.22533/at.ed.644192805 1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série. CDD 361.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” no volume III, organizou, na ótica da educação inclusiva, 22 artigos de cunho teórico-prático, metodologias de ensino e aprendizagem, que visam incluir pessoas, que são de alguma forma, excluídas da sociedade devido sua deficiência, gênero, raça ou etnia.

Pois entendemos, e fica provado pelas pesquisas aqui apresentadas, que é na sala de aula no ambiente escolar que o terreno se mostra fértil para sensibilizar a sociedade sobre o respeito e a responsabilidade de todos quando o assunto é diversidade e inclusão social.

Contudo, no grupo de estudos sobre pessoas com surdez, observa-se que apesar da obrigatoriedade legal que assegura a criança surda o direito de uma educação especializada que a alfabetize nas duas línguas -português e LIBRAS - a partir das salas de atendimento especializado, na prática não acontece e depende do educador a responsabilidade de todo o processo.

Já para os grupos de pessoas com altas habilidades e etnicorraciais os projetos pedagógicos e interdisciplinares conseguem atingir resultados que impactam não só a sala de aula como a comunidade local.

Percebe-se que o caminho para inclusão social- especialmente de pessoas com deficiência - é longo e deve começar de forma incisiva nos bancos escolares. E por isso esta coletânea torna-se um instrumento de alerta, só nos tornamos uma sociedade inclusiva quando todas as nossas crianças conseguirem chegar em suas escolas e entenderem a linguagem que o professor está falando.

Nós esperamos que os artigos escolhidos possam nortear todos os leitores em seus projetos educacionais, sociais e profissionais e estimular a sociedade a olhar para a inclusão como uma ação de responsabilidade individual, coletiva e globalizada.

Glaucia Wesselovicz

Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS	
Francisca Nailene Soares Vieira Martha Milene Fontenelle Carvalho Francisca Raquel Miguel de Sousa Rosane Santos Gueudeville Acreciana de Sousa Melo Fernanda Maria da Silva Cardeal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928051	
CAPÍTULO 2	9
A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mirtes Aparecida Almeida Sousa Dorivaldo Alves Salustiano Eliane Fernandes Gadelha Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6441928052	
CAPÍTULO 3	20
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL	
Joel Nunes De Farias Luandson Luis Da Silva Hosana Souza de Farias Nadjeana Ramalho da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Elenith Jussiêr de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928053	
CAPÍTULO 4	30
A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A VIDA DO PORTADOR DE SÍNDROME: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Estoécio Luiz do Carmo Júnior Rosélia Maria de Sousa Santos Brenda Oliveira Ferreira da Silva Adriana Silvino de Araújo Emanuel Heliomar Medeiros de Sousa José Ozildo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6441928054	

CAPÍTULO 5	39
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM DUAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DA REDE MUNICIPAL DE CRATO	
Daniela Valdevino Lima	
Luiza Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da silva	
Acreciana de Sousa Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6441928055	
CAPÍTULO 6	48
A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	
Thais Vinciprova Chiesse de Andrade	
Kelly Silva Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6441928056	
CAPÍTULO 7	59
ACOMPANHAMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE COMPORTAMENTO	
Bianca Cristina Leal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928057	
CAPÍTULO 8	66
ALUNA DE BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA DE LIBRAS COM MEDIAÇÃO DO INTÉRPRETE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lana Carol de Sousa Martins	
Luana Fernandes Magalhães	
Sarah Maria Oliveira	
Terezinha Teixeira Joca	
Marilene Calderaro Munguba	
DOI 10.22533/at.ed.6441928058	
CAPÍTULO 9	77
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS IFS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES ATENDIDOS PELO NAPNE DO IFS/CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO	
Laila Gardênia Viana Silva	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Maria Aparecida da Conceição Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928059	
CAPÍTULO 10	88
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS	
Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.64419280510	

CAPÍTULO 11	99
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Andrialex William da Silva	
Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães	
Tarcileide Maria Costa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280511	
CAPÍTULO 12	109
DIFICULDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA COM ALUNOS ESPECIAIS -OBSERVAÇÃO EM UMA SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA	
Manuela Patrício Menezes	
Franciely Silva Apolinário	
Maria José Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280512	
CAPÍTULO 13	118
DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Luiza Valdevino Lima	
Daniela Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Cássia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64419280513	
CAPÍTULO 14	126
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO	
Fabyana Soares de Oliveira	
Ana Aparecida Tavares da Silveira	
Sára Maria Pinheiro Peixoto	
Marcilene França da Silva Tabosa	
Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.64419280514	
CAPÍTULO 15	133
HIPÓXIA NEONATAL E A EXPERIÊNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.64419280515	
CAPÍTULO 16	140
LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilvânia Maurício Dias de Pontes	
Lucineide Cruz Araújo	
Natália Medeiros de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.64419280516	

CAPÍTULO 17	151
O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES	
Fabiane Cristina Favarelli Navega	
DOI 10.22533/at.ed.64419280517	
CAPÍTULO 18	160
O TRATO DA QUESTÃO ÉTNICORRACIAL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE SOBRE O INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE	
Raquel de Oliveira Mendes	
Rodrigo Bozi Ferrete	
DOI 10.22533/at.ed.64419280518	
CAPÍTULO 19	172
O USO DA BIOMECÂNICA E ANATOMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLA DA ZONA RURAL DO CARIRI PARAIBANO	
Breno de Sousa Moreira	
Diego Gomes da Silva	
Aellyson Cordeiro de Melo	
Washington Almeida Reis	
DOI 10.22533/at.ed.64419280519	
CAPÍTULO 20	183
SABERES E PRÁTICAS EM ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Artur José Braga de Mendonça	
Izabeli Sales Matos	
DOI 10.22533/at.ed.64419280520	
CAPÍTULO 21	194
SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE CINEBIOGRAFIAS: O CASO DA SUPERDOTAÇÃO DO MATEMÁTICO RAMANUJAN	
Clemir Queiroga de Carvalho Rocha	
Vicente Francisco de Sousa Neto	
Vera Borges de Sá	
Denise Maria de Matos Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.64419280521	
CAPÍTULO 22	203
UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUANDO O FATOR LIMITANTE SE TRANSFORMA EM FATOR MOTIVACIONAL DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	
Fabio Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.64419280522	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	211

A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Thais Vinciprova Chiesse de Andrade

Mestrado em Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA
Volta Redonda – Rio de Janeiro

Kelly Silva Teixeira

Graduada e Licenciada no Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA Volta Redonda – Rio de Janeiro

RESUMO: A Ginástica Artística (GA) é um esporte de grande importância para o desenvolvimento motor, que provoca respeito e combinação única de beleza por meio de seus movimentos desafiadores, oferecendo ao praticante um conhecimento corporal capaz de compreender, conhecer, dominar e sentir o próprio corpo. O objetivo desse estudo é investigar se a GA é um esporte possível para ser trabalhado com o Deficiente Físico Amputado. A metodologia é composta de uma revisão bibliográfica, que buscou artigos, livros e sites, onde as conclusões levam em conta um conjunto de variáveis que podem estar correlacionadas. O estudo é relevante na medida em que abordamos os tipos de adaptações possíveis de cada nível de deficiência, transformando-a em um instrumento de inclusão. A GA por si só não tem função milagrosa ou mágica, é necessária a união dos ginastas, profissionais envolvidos e instituições responsáveis, para que o esporte

possa ter uma função de auxílio, na construção e na formação do ser humano. Sendo papel do profissional da área realizar as adaptações de acordo com a necessidade de cada aluno, seja ele deficiente físico ou não. Concluímos também que a escassez de publicações sobre o assunto, faz com que esse estudo seja capaz de abrir a mente para novas pesquisas, levando a possibilidade de se tornar uma competição paraolímpica em breve.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica Artística. Deficiente Físico. Inclusão.

ABSTRACT: Artistic Gymnastics (GA) is a sport of great importance for motor development, which brings about respect and unique combination of beauty through its challenging movements, offering the practitioner a body knowledge capable of understanding, knowing, mastering and feeling one's own body. The purpose of this study is to investigate whether GA is a possible sport to be worked with the Amputee. The methodology is composed of a bibliographic review, which looked for articles, books and websites, where the conclusions take into account a set of variables that may be correlated. The study is relevant in that we approach the types of possible adaptations of each level of disability, turning it into an instrument of inclusion. The GA alone has no miracle or magic function, it is necessary the

union of the gymnasts, professionals involved and responsible institutions, so that the sport can have a function of aid, in the construction and the formation of the human being. Being the role of the professional of the area make the adaptations according to the need of each student, whether he is physically disabled or not. We also conclude that the shortage of publications on the subject makes this study able to open the mind for further research, leading to the possibility of becoming a Paralympic competition soon.

KEYWORDS: Artistic Gymnastics. Handicapped. Inclusion.

1 | INTRODUÇÃO

A Ginástica Artística (GA) é um esporte de grande importância para o desenvolvimento motor, cabe ressaltar também que é um esporte que vem crescendo aos poucos no Brasil, se comparado com outras modalidades. A GA oferece ao seu praticante conhecimento corporal de forma global, por necessitar de todo o corpo e utilizar diversas valências físicas de base no seu dia-a-dia. Além de desafiar constantemente a busca pelo novo, sendo um dos esportes mais completos, por trabalhar com todos os aspectos humanos: motor, sócio afetivo, cognitivo. (SAWASATO e CASTRO, 2010; NUNOMURA, 2008)

Conforme os anos passam a GA evolui, antigamente era usada na preparação para as guerras, no fator estético, nas disciplinas, nas transformações sociais marcadas naquele período, e como princípios pedagógicos (OLIVEIRA, NUNOMURA, 2012). Hoje as possibilidades da GA são diversas, desde da preparação física até uma possível reabilitação, independentemente da faixa etária ou condição física do indivíduo. (CASTRO, 2005)

Deste modo, abrimos uma porta para a prática da GA para os Deficientes, podendo assim quebrar um paradigma: que o deficiente físico não é capaz de praticar a GA. Buscamos compreender cada vez melhor a deficiência para que possamos solucionar a inclusão dessas pessoas na prática da GA. Alguns estudos falam de deficientes na prática da GA, porém nada se fala do Deficiente Físico Amputado. Segundo o Ministério da Saúde (2013) as “Diretrizes de Atenção à Pessoa Amputada” estimam-se que 80% das amputações são realizadas em pacientes com doenças e os 20% são responsáveis pelo trauma.

Pouco se discute a importância da ginástica na integração e reconhecimento social da pessoa com deficiência além da possibilidade de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação ou até mesmo para uma futura competição.

Algumas perguntas têm surgido como: “Há possibilidade da inclusão dos deficientes físicos na prática na Ginástica Artística?”. O objetivo desse estudo é investigar se a GA é um esporte possível para ser trabalhado com o Deficiente Físico Amputado.

A metodologia foi uma pesquisa bibliográfica, baseada na revisão de literatura,

onde as conclusões levam em conta o conjunto de variáveis que podem estar correlacionadas. O caminho metodológico foi realizado em três etapas: primeiro abordamos a história da Ginástica e suas finalidades, no segundo momento explicamos os tipos de deficiência e suas adaptações e a seguir mostramos a Ginástica como esporte adaptado, transformando-a em um instrumento de inclusão.

Dentre os inúmeros motivos que levaram o estudo, pode-se mencionar que são poucas as publicações a respeito dos deficientes na prática de exercício físico e quando associadas à Ginástica Artística, quase inexistentes. Algumas pesquisas buscam compreender outros tipos de deficiências tais como: Deficientes Visuais, Deficientes Intelectivo, e Síndrome de Down. No entanto, o número de deficientes aumenta e poucos profissionais se sentem aptos para trabalhar com esse público, o que ressalta a importância de estudos sobre o tema, levando em consideração a sociedade que, na maioria das vezes, não está preparada para os deficientes, sendo assim, trata-se de um desafio a ser conquistado.

2 | A HISTÓRIA DA GINÁSTICA E SUAS FINALIDADES

A Ginástica Artística (GA) é um esporte que provoca respeito por ter uma combinação única de beleza, bom gosto e por ser tão desafiadora que trabalha o tempo todo com a superação (SAWASATO e CASTRO, 2010). Antes de iniciarmos a discussão sobre a GA especificamente, entenderemos a origem da ginástica.

Segundo Oliveira e Nunomura (2012) os registros históricos da ginástica como atividade existem há muitos anos. Começando nas sociedades pré-históricas com manifestações culturais, chegando na Antiguidade como arte de exercitar o corpo nu inspirado pelo ideal grego de harmonia entre corpo e espírito, na busca da formação estética e ética dos cidadãos, ou seja, o corpo deveria aprender a se comportar conforme as regras e técnicas estabelecidas pela sociedade. Além disso, convém lembrar que a ginástica desenvolveu adaptando-se as mudanças sociais e políticas, a partir do desenvolvimento da ciência, e por meio das diversas formas de guerrear. Por outro lado, a Era Clássica teve como finalidade educacional formar cidadãos e, também, guerreiros, além das arenas para os debates, haviam também demonstrações de danças, músicas, bem como as competições esportivas, que nos dias atuais conhecemos como atletismo: corrida, salto, arremesso de disco, pentatlo e, a ginástica que, assim como alguns jogos e competições naquela época não tinha nenhum destaque. Em consequência disso, nota-se que na Idade Média o que importava para a sociedade vigente neste período era cultivar a espiritualidade, por meio da religião, de modo que as causas de transformações sociais, foram marcadas pela Revolução Industrial, Revolução Francesa, desenvolvimento da Ciência e o Iluminismo. Percebia-se também que na Idade Contemporânea adaptou suas exigências, seus conteúdos, suas metodologias de ensino e as suas técnicas na tentativa de atender

às necessidades humanas a determinados princípios pedagógicos, isto é, ser mais bonito seguindo os padrões de beleza vigentes ou vencer a qualquer preço são alguns dos pensamentos desse período. Cabe também ressaltar que no Renascimento a Ginástica assume a missão de recuperar o corpo macerado pelas guerras, pelos jejuns prolongados e pelos descuidos impostos pela religião, passando a ser compreendida como exercícios físicos em geral. Atualmente, observa-se que a Ginástica é explorado por ações de mudanças, ao mesmo tempo em que revela certas estruturas duradouras cuja dinâmica e percepção estabelece sempre nas relações sociais, que reproduzem as tensões, os embates e os mecanismos de exclusão.

A Ginástica nos dias de hoje possui grande abrangência e no decorrer dos tempos foi direcionada para objetivos diversificados, o que possibilitou a ampliação de sua aplicação. Oliveira e Nunomura (2012) organizam a ginástica em 5 campos: a Ginásticas de Condicionamento, a Ginásticas de Conscientização Corporal, a Ginásticas Fisioterápicas, a Ginástica de Demonstração e a Ginásticas de Competição.

A GA é uma modalidade esportiva pouco conhecida se comparada com as outras modalidades como futebol, voleibol, natação. É uma atividade que vem proporcionar inúmeras contribuições para o desenvolvimento biopsicossocial e oferece possibilidades para todos.

A origem da GA pode ser encontrada na escola Alemã, pelo L. F. Jahn “Friedrich-Ludwig Jahn”, reconhecido pelo mundo a fora como o “O PAIDAGINÁSTICAOLÍMPICA”. Segundo Oliveira e Nunomura (2012) Jahn criou obstáculos artificiais para os seus exercícios, construindo aparelhos específicos que mais tarde originariam os aparelhos modernos de competição nesta modalidade. Só após a morte de Jahn, a GA se tornou realmente um esporte, com regras previamente estabelecidas. Cada aparelho exige habilidades diferenciadas do atleta, os aparelhos de GA: trave de equilíbrio e paralelas assimétricas são aparelhos femininos em competições; barra fixa, paralelas simétricas, argolas e cavalo com alças são masculinos; ambos os gêneros competem no solo e no salto sobre a mesa.

A partir dessa grande diversificação de ginásticas Sawasato e Castro (2010) identificam que a GA pode ser entendida e dividida em dois grupos, a Ginástica como Atividade Física e a Ginástica como Esporte. A Ginástica como Esporte está em constante crescimento, que segue regras estabelecidas pela FIG, atualizada em um ciclo de quatro anos, pode ser subdividida em níveis de aprendizado, desde do esporte praticado nas escolas e escolinhas até o alto nível. Já a Ginástica de Atividade Física se subdivide em: atividade física formativa, na preparação física e ginástica ao alcance de todos.

A trajetória do atleta de GA é bastante contínua de treinamentos e competições, Sawasato e Castro (2010) citam que a iniciação esportiva deve ser construída no período em que a criança inicia, de forma específica, a prática de um ou mais esportes, dando uma continuidade à formação motora geral. Deve-se valorizar o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, a Ginástica se torna instrumento de formação em vez de

ser praticada apenas como um fim, o ideal do esporte não deve ser apenas a formação do atleta, mas servir como estímulos desafiadores muito utilizados nas categorias de base, no qual a abordagem dos elementos básicos visa o aperfeiçoamento adquirindo o gosto pelo esporte e participação de competições especiais, assim seguindo regras adaptadas pela organização, onde as competições nessa fase podem ser um referencial de auto avaliação tendo como objetivo a superação e a formação de um possível atleta. Além disso no nível intermédio, as categorias são divididas como: pré-infantil, infantil, juvenil e adultos, nelas o treinamento visa o esporte de alto nível com competições de acordo com o nível de habilidades buscando atingir altas performances, dessa forma melhorando seu desempenho para progressividade no esporte direcionando cada vez mais para a prática da modalidade, assim como no alto nível o objetivo primordial é formar atletas visando a participação de competições como: Copa do Mundo, Campeonatos Mundiais, Jogos Olímpicos entre outros, pois possuem níveis elevados nos elementos das provas, nota-se a performance da execução técnica e postural desses elementos lapidando-os ou aprendendo um novo para estar entre os melhores, para que isso ocorra é preciso seguir as estratégias de um planejamento bem estruturado, desde o seu trabalho de base, e evoluir cumprindo o objetivo que demanda o esporte.

A ideia é que tanto a ginástica diversificada ou a GA o indivíduo deve explorar seu corpo e o espaço que o cerca de modo a transformá-lo em um instrumento, estimulando novos gestos e comportamentos, preparando para o domínio do mundo que a rodeia, possibilitando uma nova leitura do movimento corporal, de forma natural, criativa e expressiva, contribuindo com os aspectos da formação humana.

3 | TIPOS DE DEFICIÊNCIA E SUAS ADAPTAÇÕES

Antes de falarmos especificamente do trabalho da Ginástica Artística (GA) para os deficientes físicos, faremos uma discussão temática, mostrando o significado e os tipos de amputações, e quais os tipos de próteses apropriados para suas diferenças físicas.

Segundo o Art. 5º do decreto lei nº 5.296, de 2 dezembro de 2004 estabelece no parágrafo 1o, pessoa portadora de deficiência a que possui limitação ou incapacidade para desempenho de atividade e se enquadra nas seguintes categorias:

A deficiência física é alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, diplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, tri paresia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

O que observamos é que esses deficientes vêm lutando para serem considerados

capazes, o que nos faz acreditar cada dia mais na importância do movimento. Podemos reafirmar esse pensamento, por meio da citação de Gaio (2006, p. 171):

[...] O ser humano é um corpo que oferece todas as possibilidades, mesmo que ele se apresente fragilizado. Esse corpo tem poder, esse poder emerge da auto-organização do ser humano com meio ambiente, na medida em que esse ser se apropria, como corpo, desse poder e se coloca em busca dos seus direitos e deveres como organismo vivo.

Em 2013, segundo o Ministério da Saúde em sua publicação sobre as “Diretrizes e Atenção à Pessoa Amputada” compreende que a amputação é o termo utilizado para definir a retirada total ou parcial de um membro, é importante salientar que a amputação deve ser encarada num contexto geral de tratamento, onde busca preparar para uma melhora na qualidade de vida, pois se por um lado houve a perda de um membro, de outro eliminou-se o perigo, e futuramente, da perda de vida ou até mesmo o alívio do sofrimento. Apesar de não haver informações precisas sobre esse assunto no Brasil, estima-se que 85% das amputações são nos membros inferiores e 15% nos membros superiores, visto que aproximadamente 80% das amputações dos membros inferiores são causadas por doenças degenerativas, sendo os outros 20% são causadas por traumas tais como: acidentes de trânsito e ferimento por armas de fogo.

Visando as possibilidades que este mesmo corpo oferece de ser e de participar, Castro (2005) compreende que o membro restante da amputação é chamado de coto. O coto, considerado agora como um novo membro, é responsável pelo controle da prótese durante o movimento. Existem diversos níveis de amputações, sendo ele nos membros superiores e membros inferiores, visto que nos membros superiores caracteriza-se pela sua grande mobilidade, envolvendo diferentes tipos de pinças. Contudo as amputações de membros inferiores estão relacionadas a patologias vasculares, traumas, infecções, tumores malignos ou anomalias congênitas.

Não devemos tratar a amputação como fim do mundo e sim como o início de uma nova fase com o desenvolvimento das próteses, cadeiras de rodas e outros equipamentos. Castro (2005) aponta que as próteses são dispositivos destinados a completar a ausência de um membro ou parte dele, visando substituir a função, composição e sustentação corporal, além do fator estético. Muitas próteses não visam mais o componente estético, e sim funcional e de otimização biomecânica.

Devemos enxergar que o indivíduo amputado tem muito mais para ser aproveitado do que o segmento perdido, eis o ponto que queremos chegar na ideia que todas as atividades físicas e esportivas sejam adaptadas conforme o nível de deficiência, ou seja, precisamos entender cada tipo de deficiência para melhor atender esses indivíduos na sociedade.

Acredita-se cada dia mais na importância do movimentar-se, desde o momento do nascimento até à morte, o indivíduo cresce, se desenvolve, relaciona e vive como um corpo. Como disse Freire (1991, p. 63):

Pela motricidade o homem se afirma no mundo, se realiza, dá vazão à vida. Pela

motricidade ele dá registro de sua existência e cumpre sua condição fundamental de existência. A motricidade é o sintoma vivo do mais complexo de todos os sistemas vivos: o corpo humano. Pela corporeidade ele dá testemunho de sua condição material, de sua condição de corpo. É pela corporeidade que o homem diz que é de carne e osso. A corporeidade é mais do que um homem só: é cada um e todos os outros. A motricidade é a manifestação viva dessa corporeidade, é o discurso da cultura humana. Enfim, o desenvolvimento da motricidade cumpre um desígnio fundamental: viver. Quem me dera morrer de tanto viver!

Ao que se refere ao esporte a aceitação das diferenças, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro dessa diversidade e aprendizagem de cooperação, dessa maneira a própria sociedade classifica e exclui essas pessoas, seja ela deficiente ou não. Contudo o esporte passa ser uma ferramenta poderosa para atingir tais objetivos, e muitos profissionais e os próprios atletas reconhecem essa potencialidade. Isso sem contar que podemos estimular a sociedade a viver a prática da inclusão, de modo que a ginástica seja um instrumento facilitador da mesma.

4 | A GINÁSTICA COMO ESPORTE ADAPTADO PARA UM INSTRUMENTO DE INCLUSÃO.

O esporte atualmente é considerado como uma ferramenta de inclusão capaz de injetar esperança no cotidiano de indivíduos com alguma incapacidade física, assim podendo ter acesso à prática esportiva, no ponto de vista de Freire (2008, p. 5):

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros.

Segundo o Art. 1º do decreto lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015:

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, os exercícios dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Essa inclusão pode servir como motivação de vida para muitas pessoas, visto que, ele traz outras perspectivas e acarreta uma série de benefícios ao possibilitar a busca por novos objetivos. Conforme Castro (2005. p. 437):

O esporte para deficientes é muitas vezes adaptado às limitações e potencialidades do indivíduo para possibilitar a experiência de novos movimentos e novas vivências, promovendo a integração total do indivíduo com a sociedade.

As atividades programadas possibilitam desafios possíveis, respeitando as limitações e seguindo uma forma contínua, regular, progressiva e segura.

Segundo Silva e Araújo (2013) observa-se que o esporte adaptado possui diversas denominações, tais como: esportes para deficientes, atividade física especial, atividade motora adaptada, e o mais conhecido, o paradesporto (uma atividade específica de competição que valoriza diversas maneiras de praticar os exercícios individualmente ou coletivamente), entre outros. Os esportes assim como a atividade física adaptada, são empregados com fins terapêuticos, recreacionais ou de rendimento, de modo que atende ao desenvolvimento do indivíduo tornando-se mais ativo, melhorando sua qualidade de vida, sua condição física, aprimorando suas capacidades físicas gerais, reduzindo, assim, as complicações e as consequências de problemas secundários. Essas atividades físicas, em níveis variados, têm ajudado portadores de deficiência a adquirir não só maior mobilidade: resgatam também sua autoestima, seu equilíbrio emocional.

Cabe ressaltar que não foi encontrada nenhuma pesquisa que falasse diretamente da GA e do deficiente físico amputado, assim como adaptações para esse público. Sendo o papel do profissional da área realizar as adaptações de acordo com a necessidade de cada aluno, sendo ele deficiente físico ou não.

A maioria dos esportes e eventos paraolímpicos são modificações e adaptações dos esportes e eventos olímpicos, apesar da GA ser uma modalidade que está desde o início das olimpíadas, elas não possuem adaptações necessárias, sendo assim, uma dificuldade para GA fazer parte do evento paraolímpico. Os jogos Paraolímpicos são o segundo acontecimento esportivo mundial em termos de duração e número de participantes, e podemos dizer que no momento representam o maior avanço na área da Educação Física Adaptada. A GA é uma modalidade que pode oferecer uma diversidade grande de movimentos e situações não comuns, que auxiliam a compreender, conhecer, dominar e sentir o próprio corpo, que com as adaptações e modificações corretas podem fazer parte desse grande evento.

O desafio da inclusão precisa ser um caminho onde os profissionais não precisem fazer por obrigatoriedade, mas sim, acreditando em uma sociedade para todos, evitando o preconceito, limitações, discriminações e pessimismos. Vale notar a contribuição de Silva e Araújo (2013) que diz respeito a preocupação e o surgimento de pessoas interessadas em compreender, estudar a atividade, para que possam atender e melhorar a vida dessa população com algum tipo de deficiência, contribuindo, dessa forma, para uma inclusão da pessoa na sociedade, colaborando para o enriquecimento do saber científico, a fim de permitir novos estudos que alimentem as necessidades e os anseios da realidade da nossa sociedade, além de investir na valorização do profissional da área e contribuir para um esporte como elemento de transformação social e com maior autenticidade.

O desafio da inclusão precisa ser um caminho onde os profissionais não precisem fazer por obrigatoriedade, mas sim, acreditando em uma sociedade para todos, evitando o preconceito, limitações, discriminações e pessimismos. Vale notar a contribuição de Silva e Araújo (2013) que diz respeito a preocupação e o surgimento de

pessoas interessadas em compreender, estudar a atividade, para que possam atender e melhorar a vida dessa população com algum tipo de deficiência, contribuindo, dessa forma, para uma inclusão da pessoa na sociedade, colaborando para o enriquecimento do saber científico, a fim de permitir novos estudos que alimentem as necessidades e os anseios da realidade da nossa sociedade, além de investir na valorização do profissional da área e contribuir para um esporte como elemento de transformação social e com maior autenticidade.

É possível ver na história de vida de Kate Foster um exemplo de ginástica adaptada. Trata-se de uma ginasta que aos 12 anos foi diagnosticada com Leucemia e teve que amputar a perna esquerda acima do joelho (desarticulação do joelho). Os médicos não imaginavam a possível volta da atleta na ginástica, porém, aos 17 anos a mesma voltou a competir com uma prótese. Kate voltou aos treinos e fez questão de não receber qualquer tratamento diferenciado. Ela queria treinar como as outras ginastas, e assim a ginasta treina e compete normalmente, e, se comete algum deslize, é punida com a perda de pontos, como acontece com as outras ginastas. A história que você vê acima já foi assistida milhões de vezes por pessoas de todo o mundo. Nela, percebemos que a garota é realmente uma ginasta de talento raro. Ainda assim, ela não se enxerga como uma espécie de heroína ou de grande exemplo: “as pessoas me dizem a todo momento que eu sou uma inspiração, mas eu sou apenas eu”, disse ela em uma entrevista. (USA GYMNASTICS, 2016; REGION 5 GYMNASTICS INSIDER, 2016)

Nesse tópico pudemos entender o conceito de inclusão, a inclusão do esporte, esporte adaptado e por fim mostrar o esporte adaptado à GA. Como discutido anteriormente, a GA por si só não tem função milagrosa ou mágica, é necessária uma união dos ginastas, profissionais envolvidos e instituições responsáveis, para que o esporte possa ter uma função de auxílio, na construção e na formação do ser humano. A sociedade precisa entender que o objetivo do desporto adaptado para o deficiente físico é melhorar a qualidade de vida do indivíduo, facilitando suas atividades cotidianas. Como fazer isso cada vez melhor é um desafio posto aos atuais e futuros profissionais da Educação Física, e, ressaltamos, não só em relação a possíveis atletas paraolímpicos, mas em relação a formação de cidadãos. Isto revela que o olhar do profissional de Educação Física mudou, assim como o perfil que se espera. Contudo, trata-se de um desafio a ser conquistado.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado é imprescindível que todos se conscientizem, de que é preciso que a inclusão perpassa, acima de tudo, pela aceitação do outro, isto é, incluir é aceitar o outro como ele é e propiciar oportunidades de transformação, valorizando o respeito da diversidade.

Concordamos com Gaio (2006, p. 171) ao destacar que:

“[...] o ser humano é um corpo que oferece todas as possibilidades, mesmo que ele se apresente fragilizado. Esse corpo tem poder, esse poder emerge da auto-organização do ser humano com o meio ambiente, na medida em que esse ser se apropria, como corpo, desse poder e se coloca em busca dos seus direitos e deveres como organismo vivo”.

Tendo essas palavras como referencial, precisamos antes de tudo, sensibilizar o coração das pessoas e de muitos profissionais que ainda não estão preparados para lidar com as diferenças. Pensamos estimular esses profissionais de Educação Física em sua prática quando o assunto são os deficientes na Ginástica Artística. Onde não basta apenas fazer por obrigatoriedade, mas sim por prazer, neste sentido, compreende-se que a ginástica artística pode proporcionar aos alunos a possibilidade de escolha de movimentos de acordo com as suas capacidades, podendo obter um maior rendimento pessoal.

Acreditamos ser importante ter sempre em mente que somos ferramentas do desenvolvimento dos nossos alunos. O profissional deve acompanhar o desenvolvimento do aluno para adequar o trabalho sempre que necessário, identificando seu nível de habilidade motora e social, buscando testar seus limites para poder identificar o quadro geral do aluno. A partir disso os profissionais devem dominar o conhecimento inerente ao elaborar o planejamento, tendo criatividade diversificada para as adaptações. É preciso levar em consideração que cada indivíduo precisa de um ajuste diferente, ou seja, soluções e caminhos que podem ser trilhados dependendo do tipo de deficiência e da atividade a ser desenvolvida, porém, uma das principais adaptações que ocorrem na GA vem na maneira de como a segurança dos alunos no momento da execução de exercícios é feita, justamente com o acompanhamento de perto pelos profissionais. É preciso que os educadores físicos e profissionais envolvidos estejam atentos para novas descobertas, além, da participação do processo de comunicação, desenvolvimento e crescimento da modalidade. Entendemos que esse é um dos maiores prazeres que, como profissionais da área, podemos usufruir do nosso trabalho, feito consciente e profissionalmente bem, ou seja, precisamos entender cada tipo de deficiência para melhor atender esses indivíduos na sociedade.

Concluimos que a escassez de publicações sobre o assunto, faz com que esse estudo seja capaz de abrir a mente para novas pesquisas, levando a possibilidade de se tornar uma competição paraolímpica em breve.

REFERÊNCIAS

BATISTA, J. C. F; GOIS, A. A; GAIO, R. (Org.) **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2010.

BATISTA, J; GAIO, R. **Ginástica em Questão: corpo e movimento**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006.

BRASIL. Decreto-lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa amputada** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 1. ed. 1. reimp. - BRASÍLIA: Ministério da Saúde, 2013.

CASTRO, E. M. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

FREIRE, J.B. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista de Educação**, 2008; (p. 5 - 20).

GAIO, R. **Para além do corpo deficiente...histórias de vida**. Jundiaí: Editora Fontoura, 2006.

GAIO, R; CIONE, L. de S. **Ginástica especial para os diferentes: reconhecendo limites e descobrindo possibilidades**. Cap. 6 In: BATISTA, J. C.; GAIO, R; (org.) *A Ginástica em Questão*. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006; (p. 85 - 96).

GAIO, R; CIONE, L. de S. **Ginástica especial para os diferentes: reconhecendo limites e descobrindo possibilidades**. Cap. 6 In: BATISTA, J. C.; GAIO, R.; GOIS, A. A. *Ginástica em Questão*. São Paulo: Phorte, 2010; (p. 299 - 312).

NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V.L. **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005.

NUNOMURA, M. **Ginástica artística**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

OLIVEIRA, M; NUNOMURA, M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. **Conexões**, v. 10, 2012.

SAWASATO, Y. Y; CASTRO, M. F. de C. **A dinâmica da Ginástica Olímpica (G.O.)** Cap. 19 In: BATISTA, J. C.; GAIO, R.; GOIS, A. A. *Ginástica em Questão*. São Paulo: Phorte, 2010; (p. 381 - 409).

SILVA, B. V; ARAÚJO, P. F. **Jogos Esportivos Adaptados em cadeira de rodas: criando competências**. (orgs.) REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. In: *Pedagogia do Esporte Aspectos Conceituais da Competição e Estudos Aplicados*. São Paulo: Phorte, 2013.

REGION 5 GYMNASTICS INSIDER. **R5Spotlight: Kate Foster, Rockford I Fortune Favors the Brave**. Youtube, 16 jun. 2016. [5^o]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=B0lyanX3qkQ>> Acesso em 01 out. 2017.

USA GYMNASTICS. **2016 Hall of Fame Ceremony - Kate Foster - Spirit of the Flame**. Youtube, 15 set. 2016. [6^o]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2uglcr5KJRI>>. Último acesso em 01 out. 2017.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-364-4

